

FONTE : JB

DATA : 10 10 87

CLASS. : 48

PG. : 07

## Tapajós nasce na serra que receberá lixo atômico

### Geólogo condena a escolha que preocupa a Funai

Antônio José

**B**ELEM — A serra do Cachimbo, escolhida para servir como lixeira atômica do país, tem 640 metros de altitude e é coberta por densa floresta. É lá que alguns dos mais importantes rios da região têm as suas nascentes, como é o caso do Tapajós, considerado um dos mais bonitos do mundo mas que está sendo poluído pelas atividades garimpeiras; o Juruena e o Teles Pires, formadores do Tapajós; e o Curuá, afluente do Iriri, que deságua no xingu. A maior parte dos cursos desses rios corre em leito de formação calcária.

O geólogo Taylor Collier, de 34 anos, passou de 1975 a 1979 na região da serra do Cachimbo, fazendo pesquisas científicas e explica que toda a elevação é constituída por rochas friáveis (pedras

quebráveis ou ainda não consolidadas). Por essa razão a serra do Cachimbo em sua opinião, não tem as condições geológicas ideais para abrigar uma lixeira atômica. Além disso, a região tem um alto índice pluviométrico e as águas da chuva penetram facilmente através das rochas e atingem consideráveis profundidades para formar lençóis freáticos.

Para Taylor, ninguém garante, no Brasil, que a curto, médio ou longo prazo, o material radiativo não possa contaminar os rios, igarapés e todo o meio ambiente, já bastante agredido pela poluição do mercúrio, usado nos garimpos mesmo que o lixo atômico seja acondicionado em tambores especiais, isso não é, para o geólogo, uma garantia de que, com o tempo, os recipientes não se deterioreem, por corrosão ou acidente, e seu conteúdo se espalhe pela região, “que hoje resolve grande parte dos problemas sociais do nordeste”.

Taylor acha que, se o governo do Pará permitir a transformação de Serra do Cachimbo em depósito de lixo nuclear, a situação será irreversível. “Ne-

num estado quer conviver com isso e o Pará também não deve aceitar”, diz ele, ressaltando que esta é a opinião de todos os geólogos da Amazônia. De acordo com Taylor, o depósito deveria ser construído numa área de rochas oceânicas, embora muitas organizações ecológicas no mundo inteiro já estejam protestando contra essa solução, adotada por alguns países, temendo a contaminação das correntes marítimas.

Ele disse também que a Serra do Cachimbo, cortada pela rodovia Santarém-Cuiabá, tem vários problemas de colonização, com cidades importantes nas proximidades, como Santarém e Itaituba, no Pará, e Alta Floresta, em Mato Grosso. Essas cidades se abastecem com a água dos rios que têm nascentes na Serra do Cachimbo.

Além dos garimpeiros, hoje calculados em 100 mil, a região também é habitada por vários grupos de índios, entre os quais os mundurucus, que são, de acordo com a Superintendência Regional da Funai, em torno de 4.500. Eles vivem muito perto da cachoeira Creputiá, no rio Tapajós. Mas o superintendente

Dinarte Madeiro disse que há inúmeras tribos arredias na região, que a Funai ainda não sabe ao certo quantas são. A população ribeirinha é igualmente expressiva e nesse ambiente índios e caboclos totalmente isolados do mundo vivem primitivamente, desconhecendo o que é contaminação por radioatividade.

— Nós, da Funai, estamos muito preocupados com a possibilidade de a Serra do Cachimbo ser transformada em depósito de lixo atômico, mas até agora não fomos procurados pelas autoridades para tratar da questão dos índios. Só sabemos o que saiu nos jornais — disse Madeiro.

Os técnicos do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), que tem em Belém o quinto distrito, disseram também que nunca foram consultados sobre a possibilidade de a Serra do Cachimbo servir como depósito de lixo atômico. “Um técnico de Brasília não tem condições de saber como é a Serra. Nós trabalhamos lá, pesquisando, e nunca nos consultaram sobre as condições geológicas do sítio”, afirma Taylor Collier.